

DANÇAS AFRICANAS E AS RECONFIGURAÇÕES DE IDENTIDADES EM TERRITÓRIOS DA AFRODIÁSPORA

Amélia Vitória de Souza Conrado¹
Raissa Conrado Biriba²

Resumo: Quando olhadas na perspectiva da diáspora, as danças africanas reconfiguraram identidades no contexto local/global das culturas contemporâneas, as quais compõem o entendimento do “ser negro” e suas contradições no mundo atual. Por mais que a concepção das identidades culturais perpassa o entendimento das múltiplas facetas que constroem uma única pessoa, os sentidos que essas produzem nos corpos afrodescendentes reverberam nas conquistas junto ao fortalecimento das lutas antirracistas e de reconhecimento étnico-racial da pessoa negra nas sociedades. Nesta direção, as danças africanas se apresentam como mediadoras de identidades em diáspora e convocam a construção de outros cenários políticos possíveis no seu processo histórico de afirmação e empoderamento – o que pode ser constatado nas organizações sociais de combate à discriminação étnica-racial; ao silenciamento dos discursos de empoderamento; aos apagamentos socioculturais e epistemológicos; às formas de violência social; e todos os mecanismos que o racismo encontra para permanecer no sistema capitalista hegemônico.

Palavras-chave: danças africanas, corpo negro, diáspora, identidades, contemporaneidade.

Introdução

A presença africana se tornou símbolo de identidades culturais em variadas localidades do planeta. Tanto na sua etnogêneses, quanto na sua insurgência política, a presença africana no mundo permitiu e permite a continuidade e expansão dos saberes afrodiaspóricos contemporâneos – através da música, das festividades populares, dos rituais religiosos, da culinária – e reconfiguram, a cada dia, os modos de ser e existir das sociedades afrodiaspóricas.

¹ Professora Doutora da Escola de Dança da UFBA, do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANÇA-UFBA) e do Programa de Mestrado Profissional em Dança (PRODAN – UFBA). Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Repertórios Afrobrasileiros e Populares – GIRA, da Escola de Dança da UFBA. E-mail: ameliaconrado@ufba.br

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDANÇA-UFBA). Membro do Grupo de Pesquisa em Culturas Indígenas, Repertórios Afrobrasileiros e Populares – GIRA, da Escola de Dança da UFBA. Email: raissabiriba@gmail.com

Por meio da manutenção de suas culturas ancestrais, os territórios da afrodíaspóra se tornaram polos de (re)existência africana – local de combate ao modelo de sociedade global pautado em um colonialismo eurocêntrico - e, de outro modo, promoveram a expansão da ideia de **trânsito da diáspóra africana no mundo** (MBEMBE, 2018). Nesse fluxo transatlântico, o processo de imigração forçada das diferentes etnias do continente africano, bem como o extermínio e escravização dos povos indígenas originários e afrodescendentes implantou sistemas político-econômicos pautados na ideologia da racialidade, modificando a dimensão estrutural e os modos de vida das Américas e do Caribe, assim como a posicionalidade do Ser em sociedades afrodiaspóricas – bem como as suas relações com o trabalho, o controle político, a produção do conhecimento e a sua própria existência. (COSTA-BERNARDINO, 2020, p.248)

Tal discussão coloca em voga a temática das identidades em territórios da afrodíaspóra contemporânea, a qual a aproximamos dos estudos de Kabenguele Munanga (2020), na obra “**Negritude: usos e sentidos**”, quando questiona:

De que identidade se trata? Dessa identidade mítico-religiosa conservada nos terreiros religiosos? Da identidade do grupo oprimido que vacila entre a consciência de classe e a de raça? Ou da identidade política de uma ‘raça’ afastada de sua participação política na sociedade que ajudou a construir?” (MUNANGA, 2020, p.13-14)

Ao correlacionarmos o pensamento do autor com a perspectiva das Danças Afro Brasileiras como uma estratégia de Ativismo Negro tratada pela pesquisadora Amélia Conrado (2018), a mesma considera que tais expressões artísticas acionam lutas por emancipação da pessoa negra e afrodescendente nos diversos territórios da afrodíaspóra e revelam suas identidades políticas. Na obra ***Dancing Bahia: Essay on Afro-brazilian Dance, Education, Memory, and Race*** (CONRADO, SUÁREZ, DANIELS, ibdem), Conrado discute também sobre como as comunidades afrobrasileiras criaram estratégias coletivas de luta, na forma de um movimento sociopolítico negro, possibilitando quebrar barreiras e paradigmas sociais – os quais impedem a transformação das estruturas hegemônicas racistas em que estamos inseridos.

Impulsionados por um certo pertencimento identitário do “ser negro” e sua (re)existência pós-colonizatória na atualidade, tais Movimentos Culturais e Artísticos de afirmação e empoderamento negro na comunidade local/global contemporânea nos convoca o debate sobre o que compreendemos por identidades em territórios da afrodiáspora. Aqui, partimos do entendimento de que, se as dinâmicas do capitalismo hegemônico são pautadas em uma ideologia racista de supremacia da pessoa branca, consequentemente, as formas de combate às violências e mecanismos de discriminação étnicoracial também se dão através do corpo em trânsito com suas identidades. No caso da pessoa afrodescendente, indígena ou quilombola, o papel das lutas emancipatórias sob um viés de reconhecimento e afirmação identitária para a valorização do seu corpo-existência podem ser atribuídas aos espaços de expressão artística coletiva e de ritualidades dessas danças – tais como os terreiros de candomblé, quilombos, rodas de samba, afoxés, torés, dentre outros. Tais fazeres socioculturais e artísticos ofereceram e oferecem novas possibilidades para se pensar identidades em tempos globalizados, visando contribuir com o desenvolvimento de uma consciência da realidade que nos é mascarada, silenciada ou relativizada nos espaços de formação sociocultural, educacional e política.

Danças Africanas e o legado da afrodiáspora no espaço-tempo globalizado

Segundo Conrado (2018, p.27), os intelectuais e pesquisadores das danças africanas começaram a recontar a história das dessas expressões artístico-políticas culturais, até então abordada na visão eurocentrada do branco-colonizador, apenas na segunda metade do século XX. No campo específico da dança baiana, destacam-se pesquisadoras como Nadir Nóbrega (1992), Inacyra Falcão (2013), Maria de Lourdes Paixão (2009); Amélia Conrado (1996; 2006); dentre outras, cujos seus estudos críticos promoveram novas configurações nas instituições de formação e ensino da dança, em que se pode perceber um convite para estabelecermos outras relações poéticas e identitárias do corpo negro, indígena e quilombola com o contexto local/global.

Entendidas na perspectiva de um “corpo em diáspora” (SILVA, 2017), as danças africanas se estabelecem em um espaço-tempo que não é passado, nem presente, mas está em constante devir. Suas poéticas e fazeres revelam modos de vida em tempos

globalizados, sob os quais podem ser compreendidos na ideia de trânsito da diáspora africana no mundo. Aqui, é importante reafirmar que as danças africanas estimulam o pensamento crítico dos lugares sociais que ocupamos enquanto pessoas de uma coletividade local/global cotidiana, por meio de simbologias, princípios éticos e fundamentos que manifestam discursos e compreensões do ser/estar no mundo contemporâneo.

Como parte do legado africano da diáspora no mundo, pode-se dizer que as Danças Africanas configuraram modos de vida transatlânticos, que encontram nas margens da ancestralidade, a força que nutre seus fazeres-ritual de (re)existência. Assim nos relembra o filósofo Eduardo Oliveira (2007, p.106), quando questiona sobre as relações entre o mito e o corpo: “Não seriam eles elementos estruturantes de qualquer sociedade e cultura?”. Por isso, acreditamos que as expressões que partem de coletividades afrodiaspóricas anunciam a contemporaneidade do debate sobre dança na ótica das identidades em diáspora.

Sobretudo quando nos atentamos para a sua relação com o espaço-tempo do ritual - corporificação da ancestralidade no presente, que impulsiona e fortalece as lutas por afirmação de futuros mais democráticos – as diversas organizações socioculturais da diáspora transatlântica recriam a todo instante formas de emancipação do corpo negro, em virtude da tentativa de apagamento de suas culturas ancestrais pelo sistema do capitalismo hegemônico, bem como dos silenciamentos que prorrogam a manutenção de um mito da democracia racial nas instituições e na esfera civil. Neste sentido, questionamos: se as danças de matrizes africanas partem de uma relação com o mito - com o espaço-tempo ritual das identidades culturais transatlânticas – as lutas identitárias por reconhecimento de um corpo coletivo afrodiaspórico são ancoradas na ancestralidade: princípio e continuidade da nossa existência.

Sobre a ancestralidade nas danças africanas ou o sobre o eu-território das identidades em diáspora

O trânsito da diáspora transatlântica e suas reconfigurações no presente, evoca territórios de identidades fluidas, de certo modo enraizadas em um eu-próprio: estar no mundo contemporâneo. Esse estar transitando-corpo - entre espaços, pessoas, contextos,

subtextos, palavras, sabenças, códigos, manipulações antropológicas e mercadológicas, estéticas e modos de existir – nos apresenta o encontro com a diferença. Neste momento, um eu-diverso – em transe e em trânsito – é tomado por uma busca constante do devir em sociedade: eu-território em diáspora.

Ancoradas ao transe transatlântico, as danças africanas são o reflexo (imagem) do passado que nos reconhece como memória e devir. Um trânsito de encontros com instantes antepassados, que nos transportam e nos reportam para um ser-eu. Por isso, “a identidade então se revela como um elemento crítico no vocabulário distintivo empregado para expressar os dilemas geopolíticos da era moderna tardia” (GILROY, 2007, p.129)

Pensadas como diferenças, a ideia de identidade nos aparta do mundo para dizer quem somos: “se refere a uma marca indelével, ou a um código de alguma forma inscrito nos corpos de seus portadores” (Ibdem, p.130). Simbolicamente, pode-se dizer que a identidade chega a alterar a condição de nós mesmos, sobretudo quando ela se torna uma ameaça à nossa própria (des)construção. Afinal, o estar diferente nos acompanha, e se reflete nas tentativas identitárias de unir os cacos da diáspora contemporânea dentro (e fora) do corpo transatlântico.

A diáspora, em si, “é uma ideia especialmente valiosa porque aponta para um sentido mais refinado e mais maleável de cultura do que as noções características de enraizamento [...]. Ela torna problemática a espacialização da identidade e interrompe a ontologização do lugar” (Ibdem, p.151). Contudo, e em contrapartida, quando transitamos pelo espaço-tempo dos saberes ancestrais africanos, indígenas, quilombolas, enraizamos, ancoramos. Ou melhor, somos, de fato, “puxados”! Levados pelo fundamento – pela memória ancestral. Por um parentesco não escolhido ou herdado, somos chamados pelo transe da diáspora em nós. Pertencemos, sem de fato escolher nos pertencer.

Paradoxalmente aí, nossas raízes se mostram trançadas: não a uma fronteira estipulada pelo colonizador, mas ao indivisível antepassado que mora em nós - águas transatlânticas que habitam o corpo. Um in(di)visível dançado, como todo rio que desagua no mar, escorre pela fronteira-terra da nossa pele. Lava-nos os braços, o peito, o ventre, os pés, renova o nosso *orí* (cabeça). Já não navegamos sozinhos, nem somos

levados. Caminho trançado por terras, desagüamos e nutrimos o chão por onde passamos. Pertencemos à comunidade.

Neste mundo-terreiro, “o pós-modernismo continua a desenvolver-se de forma extremamente desigual” (HALL, 2013, p.334). E para esse tempo, “não há nada que [...] mais adore do que um certo tipo de diferença” (ibidem). Por isso, quando nos questionamos sobre o ser Eu - território de identidades em diáspora - relembramos da transa afrodiaspórica realizada “às custas do vasto silenciamento acerca da fascinação ocidental pelos corpos de homens e mulheres negros e de outras etnias” (ibidem, p.335) – a branca mitologia da mistura.

Esse silêncio que atravessa séculos de Atlântico Negro, se aprofunda em mares de “olhares silenciosos” com-temporâneos, cuja diferença se torna palavra usada como conceito e “a identidade é tomada como central” (GILROY, 2007, p.124). “Mas não pode ser só isso, pois não podemos esquecer como a vida cultural sobretudo no ocidente e também em outras partes, tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens” (HALL, 2013, p.345-346). Cabe a nós, então, transitar pela outra face do nosso Eu: o corpo-popular. Este, que é uma imagem embaçada pela diáspora que nos tornou vitrine – ou a vitrine que nos tornou diáspora (trânsito).

No caso de nós, mulheres, o corpo-popular se tornou uma imagem do nosso ventre: onde nos reconhecemos (sem nos conhecer). Tornou-se também reflexo no espelho pós-moderno, que transita pela imagem do outro - rumo ao corpo-popular – e expande nosso eu-território (diverso). Aqui, a imagem do ventre nos apresenta também, “uma importante mudança no terreno da cultura” (Ibidem). Sobretudo quando transitamos por estéticas africanas com-temporâneas, em tempos de sociedades-espetáculos, cujos “os olhares silenciosos” ativam memórias que habitam um corpo transatlântico e se espalham nas fronteiras dos irmãos de ventre africano - corpo-popular.

Olhares silenciosos, que apontam a desigualdade como sinônimo da diferença, ou a raça como subtexto da classe social - na mitologia racial democrática brasileira. Por isso, o corpo afrodiaspórico, indígena e quilombola – mas também o dos homossexuais, das mulheres, das pessoas com deficiência e comunidade LGBTQIA+ -

transitam nas margens (fronteiras), aumentando o volume das vozes corpo-a-corpo – em performance.

Nosso corpo-popular, de todo modo, é reflexo do eu – território de identidades em diáspora. Isso porque é no popular que ecoamos vozes nas favelas, ou trançamos as palhas do mundo no terreiro – casa de candomblé. É também nessa casa popular, onde desagüamos os rios transatlânticos que escorrem sobre a terra-chão. Aqui, as vozes ancestrais fundamentam identidades que possuímos, mas que não nos deixam aprisionar no passado. Identidades essas, que ativam os toques do atabaque, vibrando o silêncio das favelas contra os “olhares diferentes”.

Saudemos então, as vozes maternas e outros ventres que nos pertenceram. Aos que vieram antes de nós, no transe da diáspora transatlântica do Eu. Ventres que entrelaçaram “no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte” (MARTINS, 2003, p.106), vibrando sons de vida no corpo-popular “estampado” da nossa existência (OLIVEIRA, 2007, p. 245) – identidades.

Considerações finais

Ao reunirem diferentes forças – individuais, espirituais, materiais e espaço-temporais – as danças e ritualidades africanas afirmam a sua (re)existência e nos ensinam uma postura de combate contra as formas de violências e discriminação de segmentos socioidentitários – luta que deve ser de todos. Afinal, somos nós, pessoas da comunidade local/global, que escolhemos manter ou transformar o sistema hegemônico, por meio de ações nos espaços das instituições públicas e privadas – órgãos de ação direta na sociedade – onde são expostas e evidenciadas as relações socioculturais, políticas e econômicas pautadas no racismo da atualidade.

De outro modo, na medida em que todo e qualquer fazer cultural se insere nas dinâmicas capitalistas globalizadas, suas expressões passam por uma imagem construída – e porque não cooptada? – pelos sistemas de informação (redes), os quais configuram ideologias racializadas no contexto do sistema local/global das culturas contemporâneas, e influenciam na construção e/ou desconstrução de coletividades e identidades políticas.

Seguindo esse pensamento, quando se fala em identidades políticas do “ser negro” nas sociedades contemporâneas, as redes de comunicação digital se revelam como espaço de equívocos e contradições, tanto na construção de imagens, como nos discursos preteridos sobre os corpos em diáspora nas sociedades. Significa dizer que as expressões artístico-político-culturais que se conectam à ideia de diáspora africana no mundo se tornam vitrine. Por isso, não podemos perder de vista os impasses que surgem desse transe local/global das culturas contemporâneas sobre a construção de identidades em territórios transatlânticos. Por vezes, tais contradições e/ou equívocos fixam as identidades sociopolíticas em lugares sociais de subalternidade, e impõem barreiras à transgressão da equidade racial e social nos diversos setores da esfera civil.

Nesta direção, os corpos transatlânticos que vivem o trânsito da ancestralidade no espaço tempo com-temporâneo - por meio de suas danças, mitos e corporeidades - nos ensinam constantemente um entendimento de identidade política, que põe em voga a perspectiva de um corpo-coletivo, o qual se torna território de afirmação e transformação de realidades.

Referências

COSTA-BERNARDINO, Joaze. Corvengências entre intelectuais do Atlântico Negro: Guerreiro Ramos, Frantz Fanon e Du-Bois. IN: COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Neto; GROSGOUEL, Ramón. [Orgs]. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª edição; 3ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Coleção: Cultura Negra e Identidades. (p. 269-283)

CONRADO, Amélia Vitória de Souza. **DANÇA ÉTNICA AFRO BAIANA**: uma educação movimento. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

CONRADO, A.V.S. **Capoeira Angola e dança afro**: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CONRADO, Amélia. Afro-brazilian dance as Black Activism. IN: SUÁREZ, Lucía M.; CONRADO, Amélia, and DANIEL, Yvonne. **Dancing Bahia: Essay on Afro-brazilian Dance, Education, Memory, and Race**. Intellect Bristol, UK/Chicago, USA, 2018. p. 17-35.

GILROY, Paul. Identidade, pertencimento e a crítica da similitude pura. IN: **Entre campos: nações, culturas e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007. (123-164)

HALL, Stuart. Que negro é esse da cultura negra. IN: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. (334-349)

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. (2003) (p.94-112) In: BRYAN-WILSON, Julia e ARDUI, Olivia. **Histórias da dança: vol.2** Antologia. São Paulo: MASP, 2020.

MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Tradução de Fábio Ribeiro - Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

MUNANGA, Kabenguele. Introdução. IN: _____ **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Salvador: Editora Gráfica Popular, 2007. p. 129-260.

PAIXÃO, Maria de Lurdes Barros da. **Re-elaborações estéticas da dança negra brasileira na contemporaneidade: análise das diferenças e semelhanças na concepção coreográfica do Bale Folclórico da Bahia e do Grupo Grial de Dança**. 2009. 161 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. São Paulo: Terceira Margem, 2013.

SILVA, Luciane Ramos. **Corpo em diáspora: colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra. IN: COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Neto; GROSGOUEL, Ramón. [Orgs]. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª edição; 3ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Coleção: Cultura Negra e Identidades. (p. 269-283)